

The book cover features a large, stylized black number '2' in the center. The background is split: the left side shows a painting of a face with warm, earthy tones, while the right side shows a black and white photograph of a person in a hat. The text 'histórias de amor' is written in a white serif font across the bottom of the number '2'.

2

histórias de amor

Pelo Espírito Victor

PSICOGRAFADO POR HENOCK JOSÉ DA SILVA

# **DUAS HISTÓRIAS DE AMOR**

Pelo Espírito Victor

Psicografado por Henock José da Silva

2018

*Este livro é dedicado à todas as pessoas que, ao perceberem que existe algo além daquilo que se mostra aos nossos cinco sentidos conhecidos, se lançam na busca desse algo mais, enfrentando, entre outras coisas, o preconceito e a ironia daqueles que os consideram extravagantes. Nesta nossa sociedade, materialista e pragmática, ainda é preciso uma certa dose de coragem para falar de assuntos que extrapolam nossos sentidos ordinários. Sim, é preciso coragem para viver consciente e enfrentar o maior dos abismos – o abismo da própria ignorância.*

## INTRODUÇÃO

Duas Histórias de Amor é o segundo livro que me foi passado pelo querido amigo espiritual que atende pelo nome de Victor. Sua finalidade não é outra senão mostrar como as leis universais estabelecidas pela Consciência Cósmica Universal se aplicam às nossas vidas. São leis que tem como base o amor. O mesmo amor pelo qual fomos concebidos. O mesmo amor que nos nutre e que vai nos conduzir de volta à Fonte Eterna de onde viemos. Não são histórias de grandes heróis, pelo contrário, são momentos da vida de pessoas simples, mas que nos trazem importantes lições que, se bem entendidas, podem ajudar um pouco em nossa caminhada durante nossa permanência na matéria.

É um livro espiritualista. Envolve temas como a continuação da vida depois da morte física e reencarnação, entre outras. Não tem a pretensão de convencer ninguém sobre essas concepções ou pregar esta ou aquela doutrina. Victor acredita, e nisso eu concordo com ele, que se alguma coisa é real, não precisamos convencer ninguém a acreditar ou adotar tal coisa como verdade, pois ela se impõe por si mesma. Portanto, mesmo se você leitor, não concorda ou não acredita que esses conceitos sejam válidos, pedimos que leia este livro como um simples livro de contos e tire dele o que de melhor encontrar.

Sabemos que, nos dias de hoje, existe um verdadeiro oceano de livros à disposição dos leitores. Sabemos que será uma verdadeira benção se algumas poucas pessoas dedicarem seu tempo à leitura deste livro, e será uma benção maior ainda se ele ajudar essas pessoas, através da reflexão que ele propõe, a conduzirem suas vidas de uma forma mais tranquila, equilibrada e produtiva. Esperamos por essas bênçãos e alguma coisa nos diz que não esperamos em vão.

Antecipadamente nos desculpamos pelos muitos erros que o livro deve conter, pois não somos profissionais da escrita. Nosso desejo é proporcionar uma leitura que ajude a fazer com que as pessoas percebam a conexão que existe entre tudo - pessoas e coisas, e que recebemos de volta aquilo que emitimos, isto é, colhemos o que plantamos. Uma coisa podemos afirmar com toda certeza. Fizemos este trabalho com muito amor e é com esse mesmo sentimento que o entregamos aos leitores. Ele é mais uma pequena contribuição de nossa parte para a construção do mundo melhor que está se desenhando no horizonte da humanidade.

Henock José da Silva

## O MENINO SONHADOR

Depois da partida de Jesus para o plano espiritual, Ele e seus auxiliares desencarnados continuaram e continuam até hoje auxiliando a evolução dos espíritos que habitam a nossa pobre Terra - testemunha viva de tantas loucuras cometidas pelos homens através dos tempos. Do lado dos encarnados o mesmo se deu. Alguns homens sacrificaram suas vidas para levar a mensagem do Cristo para todos os rincões da Terra conhecida. Muitos desses mártires e heróis se tornaram conhecidos e passaram a fazer parte da história do chamado cristianismo. Com a deturpação da mensagem evangélica surgiram também muitos aproveitadores, alguns bem conhecidos da humanidade. Estes usaram a mensagem e o nome de Jesus para auferir vantagens ou dominar politicamente as pessoas. Aproveitavam, e ainda se aproveitam, da ignorância do povo para exercer seu domínio nefasto. Mas, vamos voltar aos heróis, eles são bem mais interessantes e, através deles, podemos aprender muito mais. Vamos contar um pedacinho da história de um desses heróis. Não um herói conhecido, mas um dos muitos heróis anônimos que a história oficial desconhece. Um homem simples do povo, que chamaremos de Julius. Ele não abriu mares ou parou sóis, mas podemos garantir que, sem ele e outros heróis anônimos como ele, o cristianismo não teria sido divulgado e não seria nem sombra do que é hoje. Vamos à nossa história.

O Dia estava ensolarado. A natureza, pelo frescor que esbanjava sem pudor, dava a impressão de querer expressar toda sua gratidão ao supremo Criador. As plantas pareciam agradecer pelo simples fato de existir num belo dia como aquele. Os galhos das árvores assemelham-se a braços estendidos com mãos espalmadas em sinal de agradecimento. O verde se espalhava sobre a terra como uma espessa camada mantenedora da vida. As flores, com sua delicadeza e cores vibrantes davam o toque final naquele cenário encantador. Tudo se tornava mais vivo pelo brilho que era fartamente oferecido pelos raios do sol matinal. Era realmente um belo dia de primavera naquela terra banhada pelo Mediterrâneo. Em tudo se podia sentir o cheiro de vida. Tudo lembrava a suprema generosidade, a infinita inteligência e a extrema sabedoria do Deus Criador.

Na pequena vila de camponeses que se fixou naquele vale as pessoas estavam, sem que percebessem, envolvidas pelo ambiente primaveril. Sentiam-se, tal como a natureza, envolvidos por um sentimento de gratidão por estarem simplesmente vivos num dia tão cheio de beleza e magia. Mesmo com a pobreza que se estampava nos humildes casebres; mesmo com a falta de recursos e com as duríssimas condições a que estavam obrigados, todos ali levavam suas vidas com alguma satisfação. Na verdade, não conheciam outra vida com a qual pudessem comparar. O trabalho no campo era duro, mas mesmo ele não era motivo de desânimo para aqueles camponeses tão sofridos. Só uma pessoa não compartilhava a atmosfera agradável daquele esplêndido dia: um jovem rapaz chamado Julius. Ele era um sonhador. Seu desejo era tornar-se um soldado e partir com as legiões romanas para conquistar os povos bárbaros e ajudar a aumentar a grandeza do esplendoroso Império Romano. Julius tinha muito pouco conhecimento de como as coisas se davam no Império, mas era muito influenciado pelas lendas que contavam a respeito das grandes conquistas do fabuloso exército romano. O jovem ingênuo e sonhador acreditava que o imperador, o grande César, era de fato um deus poderoso e que por esta razão o império estava se expandindo e dominando o mundo inteiro. Acreditava que Roma levava a

civilização para os povos bárbaros que viviam sem lei, tal como os animais, e que precisavam ser domesticados para o seu próprio bem.

Era normal, para os moradores do vilarejo, ver o jovem Julius deitado na relva a sonhar com suas futuras batalhas, nas quais, sozinho, matava com extrema habilidade homens bem maiores do que ele. Nesses momentos de devaneio, o moço sentia-se um verdadeiro herói. Sentia-se como se fosse um dos grandes generais romanos que comandavam as épicas batalhas travadas pelo grande exército. Seu sonho se desvanecia quando seu pai, gritando-lhe o nome, chamava-o para a lida no campo. O velho cansava-se de pedir para que o moço parasse de sonhar e se preocupasse mais com a realidade. Dizia-lhe que deveria ajudar mais nas tarefas do campo, pois era dali que tiravam o sustento para toda a família. Viviam numa terra onde a período de chuvas não era muito preciso, o que exigia deles agilidade no preparo da terra para não perderem a fertilidade trazida pelas águas. Com muito custo nosso jovem sonhador voltava ao duro trabalho braçal, mas qualquer ferramenta em suas mãos logo se transformava numa lança ou numa espada. Os monturos de terra se transformavam em corpos de bárbaros que ele havia abatido e que precisavam do golpe de misericórdia, da última estocada, para adentrarem o mundo dos mortos. Era mesmo um grande sonhador...

Assim, entre sonhos e a vida dura de camponês seguia Julius, até o dia em que um andarilho que passou por aquelas bandas deu notícia de que um agrupamento do exército romano estava acampado a poucos quilômetros dali, e estava recrutando novos soldados. O império romano tornava-se maior a cada dia e precisava cada vez mais de soldados para manter os territórios conquistados. Já admitia até soldados que não fossem romanos. Bastava que fizessem o juramento de lealdade e poderiam servir a César. Finalmente chegara a oportunidade que Julius sempre esperou. Quando soube dessas notícias, não pensou duas vezes. Sem que o pai, a mãe ou os irmãos soubessem, juntou algumas coisas numa trouxa e partiu em busca da realização de seu sonho. Assim agiu porque imaginava que seu pai jamais daria o consentimento para que ele se alistasse e se tornasse um soldado.

Em algumas horas de caminhada, Julius deparava-se com aquele agrupamento do exército romano. Nessa época, contava o nosso jovem com apenas dezessete anos de idade. Parecia bem mais velho por causa da vida dura de agricultor, do desgastante trabalho debaixo de sol e chuva. Para não correr o risco de não ser aceito disse ao soldado responsável pelo alistamento que tinha vinte e um anos de idade. Não sabia, na verdade, qual era a idade mínima para ser admitido como soldado, se é que havia alguma, por isso mentiu, aumentando em quatro anos a idade que possuía para não correr o risco de não ser aceito por ser jovem demais. Disse também que não tinha família, e por isso poderia servir ao Império Romano sem reservas. O soldado que o ouviu na entrevista preliminar para o alistamento até se impressionou com a grande motivação do rapaz. O sonho de Julius começa assim a se tornar realidade.

Ali mesmo, naquele acampamento, começou o treinamento do novo soldado. Julius começou a perceber que a vida de camponês não era tão ruim quanto ele pensava. Comparada à que estava levando agora, era muito boa, tranquila e sem grandes sofrimentos. Os novos soldados eram submetidos às piores condições possíveis para poderem se acostumar ao ambiente das batalhas. Seus olhos brilharam como olhos de criança que ganha brinquedo novo quando substituíram o pedaço de madeira pela lança com ponteira de ferro acompanhada pelo escudo com o brasão romano em relevo. Ele sentia como se aquelas armas fossem prolongamentos de partes de seu corpo ou novas partes de seu corpo que lhe haviam sido subtraídas e que agora lhe eram devolvidas. Agora sim, estava completo. Como gostaria que seu pai e sua mãe o vissem naquele momento. Certamente sentiriam orgulho dele. Só não imaginava

que, alguns dias após sua partida, seu velho pai havia adoecido. Tornou-se em pouco tempo um homem fraco, que mal conseguia trabalhar. Vivia agora mais de caridade dos vizinhos do que do seu próprio trabalho.

Alguns meses se passaram entre treinamentos e sofrimentos até que um mensageiro chegou com ordens superiores para que aquele grupo de soldados partisse rumo a outro local para dar apoio a milícias romanas que se encontravam em dificuldades para controlar um pedaço daquele território. Isso acontecia em função da inconformidade do povo por causa das péssimas condições de vida a que estavam submetidos. Havia muitos homens que não concordavam com o modo de governar dos conquistadores. Os impostos cobrados eram altos e tinham que ser altos, de outro modo Roma não conseguiria custear tantas guerras. No final das contas quem sofria mesmo era o povo, não só daquele pedaço de terra, mas de todas as terras conquistadas.

Imaginando que partia para sua primeira grande batalha, Julius marchou orgulhosamente, como se estivesse indo para a terra das glórias. Há muito tempo aquela região já fazia parte do Império Romano, porém era palco de muitos atentados contra os soldados de Cesar, que nessa época já contava com um grande contingente de estrangeiros e mercenários. Os soldados romanos lutavam pela honra e glória do império enquanto os mercenários lutavam, antes de mais nada, por dinheiro e pela própria sobrevivência. Após várias semanas de marcha chegam finalmente ao palco dos conflitos. Julius foi destacado para o trabalho de patrulhamento de uma pequena comunidade típica daquele tempo, formada principalmente por agricultores, pastores e artesãos. A ordem era manter o povo sob controle. As principais funções dessas pequenas patrulhas era guardar o toque de recolher e evitar aglomerações. Basicamente trabalho de vigilância e manutenção da ordem. O agora insatisfeito Julius, que saiu de casa para matar gigantes não se conformava por estar ali, andando o dia inteiro sem nada fazer, a não ser impor o medo àquele povo humilde e derrotado com sua simples presença. Com certeza não foi para isso que tinha se alistado no grande exército romano. Pobre Julius! Ele que esperava travar combates sangrentos, passava o dia a caminhar pelas ruas empoeiradas, acompanhado de meia dúzia de companheiros, empunhando sua bela lança e seu majestoso escudo, cuja utilidade principal, além de cobrir a cabeça do sol escaldante, ainda não havia encontrado.

Num desses entediantes dias, a patrulha da qual Julius fazia parte foi surpreendida por uma tocaia armada por alguns revoltosos. Todos os soldados foram alvejados por flechas e ali caíram mortos, com exceção do nosso sonhador que tombou muito ferido, ficando apenas desacordado. Roubaram-lhe tudo, abandonaram-no nu, ao relento, mortalmente ferido. Na verdade, não o mataram porque pensaram que ele já estivesse morto. O pobre rapaz sequer teve oportunidade de ver seus agressores, que dirá lutar para defender-se.

Acordou num casebre humilde, sem noção do tempo, deitado numa rústica esteira. Estava com o peito e o abdome enfaixados por pedaços de pano velho que serviam de curativo e proteção para que as ervas maceradas que foram colocadas em seus ferimentos não saíssem do lugar. Com a vista turva olhou em volta e viu um vulto a seu lado.

- Onde estou?

Estava tão fraco que mal conseguia falar. Um ancião de cabelos longos e grisalhos com uma voz mansa e paternal, lhe falou:

- Não te esforce, perdeste muito sangue. Estás muito fraco. Estavas muito ferido e eu te trouxe para minha casa para tratar-te. Tiveste mais sorte que teus companheiros. Todos eles estão mortos!

- Porque estou aqui? Meu superior precisa saber que estou ferido e que ainda vivo!

- Quando os soldados que vieram em teu socorro viram a gravidade de teus ferimentos, acharam que tu ias morrer de qualquer jeito e te deixaram a mercê da própria sorte.

- Não pode ser! – disse espantado. Não podia acreditar no que estava ouvindo. - O grande exército romano jamais abandonaria um dos seus. - Porque mentes velho?

- É uma época difícil meu filho. Pelo que me contam, o exército romano tem sofrido muitas baixas em muitos lugares. A guerra está custando muito caro. O povo não tem mais nada de valor para dar a César. Acredito que, para o teu exército, é melhor dispensar um soldado ferido, deixando-o morrer, do que perder tempo e dinheiro com ele. O dinheiro que pagariam para tratar um homem doente serve para pagar outro mercenário saudável. Infelizmente, parece que é assim que as coisas acontecem. Sinto dizer-te isso, mas...

- Não sou mercenário! – gritou o jovem, debatendo-se para levantar - Luto por César e pelo grande Império Romano!

Por causa do esforço acabou desmaiando. Nosso rapaz ainda estava muito debilitado. Permaneceu acamado naquele pobre casebre entre a vida e a morte por vários dias, na maioria dos quais desacordado ou em delírio por causa da febre que acompanhava a infecção dos ferimentos. O velho, cujo nome era Misael, continuava firme e decidido a tratá-lo com ervas, carinho e muita fé em seu Deus único e num homem que ele acreditava ser o seu enviado. Tratava-se de um carpinteiro que havia vivido a alguns anos atrás chamado Jesus Cristo. Segundo sua crença, este homem era o messias prometido, aquele que veio para redimir o seu povo e reconduzi-lo ao caminho da verdade. Como um cristão (termo que provavelmente ainda não existia), ajudar aquele pobre rapaz, mesmo sendo um soldado a serviço dos cruéis dominadores, era para ele uma obrigação. Segundo os ensinamentos que seu Mestre Jesus havia deixado, ele, como seu seguidor, deveria amar até os inimigos, principalmente os inimigos.

Depois de muito sofrimento, tanto do ferido quanto de quem o tratou, o jovem começou a sentir-se melhor. Aos poucos foi recuperando a consciência, conseguindo sentar-se e depois levantar-se. Milagrosamente acabou se recuperando. Sim, nosso herói sobreviveu a sua primeira e verdadeira batalha.

- Irei procurar o meu exército. Preciso que saibam que ainda vivo!

- Calma meu filho. Se as pessoas que te feriram souberem que estás nesta casa, certamente virão para te matar. Vão terminar aquilo que começaram. Ainda não estás forte o bastante para ir embora. Precisas ficar por mais alguns dias. Por enquanto diremos aos outros que tu és um meu parente que veio me visitar e que adoeceu na viagem e, logo que se recuperar vai embora. Ninguém deve saber que és um soldado romano, isso poderia te custar a própria vida.

Julius começava agora a entender a realidade da situação em que se encontrava. Estava no meio de inimigos, fraco bastante, tanto para lutar quanto para fugir. Só lhe restava esperar. O velho lhe contou que os soldados haviam se deslocado para longe daquelas paragens, pois naquela pobre vila não havia mais nada de valor. Nada que pudesse interessar a César. Contou-



lhe que após o ataque à sua patrulha a vila havia sido completamente arrasada pelos soldados. Muitas pessoas haviam sido mortas, inclusive mulheres, velhos e crianças. Se ele, Misael, estava vivo, era somente pela misericórdia de Deus.

- Não é possível! Mulheres, velhos, crianças! - *Esse não era o exército glorioso em que havia se alistado. Não era o exército do qual sonhava ser um dos heróis.*

Essa foi a primeira grande decepção do nosso herói. Até poderíamos dizer que essa foi a sua primeira grande batalha perdida. Assim, sem querer, Julius começou a ver que seus sonhos talvez não viessem a se tornar realidade. Surpreendeu-se quando, em seus pensamentos, concluiu que aquele velho maltrapilho era um herói de maior envergadura do que um comandante que determinou que deixassem um dos seus para morrer, e pior que isso, determinou que matassem inocentes num vilarejo pobre como aquele. Aquele velho sim era um herói. Mesmo com sua força enfraquecida pela idade avançada, vivendo na miséria, ainda assim teve a dignidade, a vontade e a força para ajudá-lo e salvar-lhe a vida, mesmo sabendo que não receberia nada em troca. Começou a entender que nem sempre os heróis são fortes e vigorosos. Os heróis podem ser velhos, pobres e desnutridos. Seu herói de hoje era um ancião que teve a coragem de dividir o seu quase nada com um desconhecido ferido e que até representava um perigo para ele. Lembrou-se de seu pai...agora reconhecia seu primeiro herói, Misael, na verdade, era o segundo. Para quem havia saído de casa como fugitivo levando somente uma trouxa nas costas, até que não estava mal. Já havia perdido uma batalha, vencido outra e conhecido dois grandes heróis.

Já recuperado, decidiu ficar ali por mais alguns dias. Sentia-se na obrigação de fazer alguma coisa pelo velho Misael. Queria, de algum modo, retribuir, se é que isso era possível, tudo o que aquele pobre homem havia feito por ele. Dispôs-se a trabalhar na reconstrução de algumas casas. Os moradores não tinham moedas para lhe pagar. Tinham mal o que comer. Suas plantações haviam sido quase que totalmente destruídas pelos soldados. Pouco havia sobrado, apenas alguma comida e alguns poucos animais que forneciam leite. Trabalhava apenas pela comida que dividia com seu velho benfeitor. Misael já começava a vê-lo como se fosse um filho que Deus lhe dera para lhe alegrar um pouco a velhice.

Julius era curioso e quis conhecer um pouco mais sobre o Velho Misael, seu Deus único e aquele a quem chamava de Mestre. À noite, após o dia de trabalho gostava de fazer perguntas ao velho ancião.

- Sabe velho, sou muito grato por tudo que fizeste por mim, mas ainda não consigo entender porque um homem como tu, que mal tem o necessário para si, cuida e alimenta um inimigo ferido, quando o certo seria acabar de matá-lo e pilhar suas coisas. Assim poderias, ao menos, vingar um pouco a humilhação que os soldados fazem e fizeram este povo passar.

- Agi dessa forma porque sigo o ensinamento do Messias, Nosso Mestre e Senhor Jesus Cristo, que esteve entre nós a poucos anos atrás.

- Que louco ensinaria alguém a socorrer um inimigo? Que louco ensinaria curar a quem pode nos matar assim que estiver curado? Podes me explicar, porque isso contraria tudo que aprendi até hoje. Desculpa-me por falar-te assim, mas isso me parece loucura.

- Tu não quiseste me matar, não é verdade meu filho? Quando eu te socorri estava colocando em prática o maior ensinamento do Mestre Jesus, que é amar ao próximo como a si mesmo. Ele nos ensinou que não fazemos mais do que nossa obrigação quando amamos nossos

amigos, pois qualquer um pode fazer isso, e que o maior desafio é amar aos inimigos. Quem tem a coragem de agir assim não teme a própria morte, principalmente porque já sabe para onde vai depois desta vida.

- Não compreendo...

- Meu filho, preste atenção. Se alguém não se dispuser a perdoar, as guerras jamais acabarão. Nosso Mestre nos ensinou que só através do amor é que podemos combater o ódio, porque o ódio gera cada vez mais ódio. Porém, quando nós agimos com amor para com aquele que nos quer destruir, encerramos um ciclo e as coisas começam a melhorar.

- Desculpe meu velho, ainda não consigo compreender.

- O mestre nos ensinou que esta vida aqui na Terra é uma coisa passageira e que a verdadeira vida é a vida do espírito. Nos ensinou que nós não morremos de verdade. O que morre é somente o nosso corpo de carne. O espírito que é feito de matéria divina, este não morre jamais. Se agirmos nessa vida com amor, com bondade e com justiça seremos dignos de habitar os céus, a morada dos justos, onde não há guerra, fome, injustiças e todas essas coisas terríveis que vemos aqui na vida da carne. Nesse lugar que o Mestre nos reservou, todos seremos irmãos. Viveremos ajudando-nos uns aos outros.

Enquanto o velho falava, Julius pensava:

*Pobre Misael, esta conversa só pode ser fruto de uma mente doente em consequência da senilidade. Este pobre homem já passou por tantas privações e dificuldades nessa vida que já está com os miolos moles. Onde já se viu, amar inimigos, morrer e não morrer de verdade? Coisa de velho caduco, certamente!*

- Sabe filho, cada pedra, cada erva e cada ser nesse mundo foi Criado por Deus. O Deus único. Ele sabe o que faz. Tudo o que acontece conosco tem uma razão para acontecer. Nós, pobres homens ignorantes, é que não conseguimos entender porque as coisas são como são. Digo que uma coisa é certa, meu filho: para aquele que agir dentro da justiça divina haverá uma recompensa maior que qualquer tesouro aqui da Terra.

Apesar de não acreditar em nada daquilo, os olhos de Julius brilhavam ao ouvir as palavras bem colocadas do velho. Em sua cabeça de jovem sonhador pensava que o velho estivesse se referindo a ouro, pedras preciosas, escravos e tudo mais que era considerado de valor naquele tempo.

O velho Misael, conhecedor da alma humana, adiantou-se:

- Esta recompensa não é o que estás pensando filho. Estou falando de um estado de felicidade que não há nada neste mundo que se possa comparar. Todos os tesouros dessa Terra estão sujeitos ao tempo. Tudo o que existe nesse mundo, mais cedo ou mais tarde é destruído e acaba desaparecendo. A recompensa de que falo é a felicidade eterna. É um lugar ao lado do Mestre num mundo onde tudo é paz e fartura.

Apesar da loucura em que aquelas ideias pareciam se basear, a conversa despertava em Julius uma espécie de esperança. *Seria mesmo bom se as coisas fossem assim.* Ele ouvia tudo como um menino que se interessava por belas histórias, nada além disso.

Misael lhe convidou para que o acompanhasse à uma das reuniões que aqueles primeiros cristãos faziam. Essas reuniões aconteciam na casa de algum membro da comunidade

## Obrigado por visitar este ebook!

Você pode ler a versão completa deste ebook em diferentes formatos:

- HTML (Grátis / disponível para todos os usuários).
- PDF / TXT (Disponível para membros VIP. Membros com uma inscrição básica podem acessar até 5 ebooks em formato PDF / TXT durante o mês).
- Epub e Mobipocket (Exclusivo para membros VIP).

Para baixar esse livro completo, basta selecionar abaixo o formato desejado:

